

H. f. 6719

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 3

As ambições coloniaes

da Alemanha em Africa

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa

OFERECE

«Comité de Propaganda Miadófila»

(Academia de Estudos Livres)

SINDE-R. da Emenda, 53

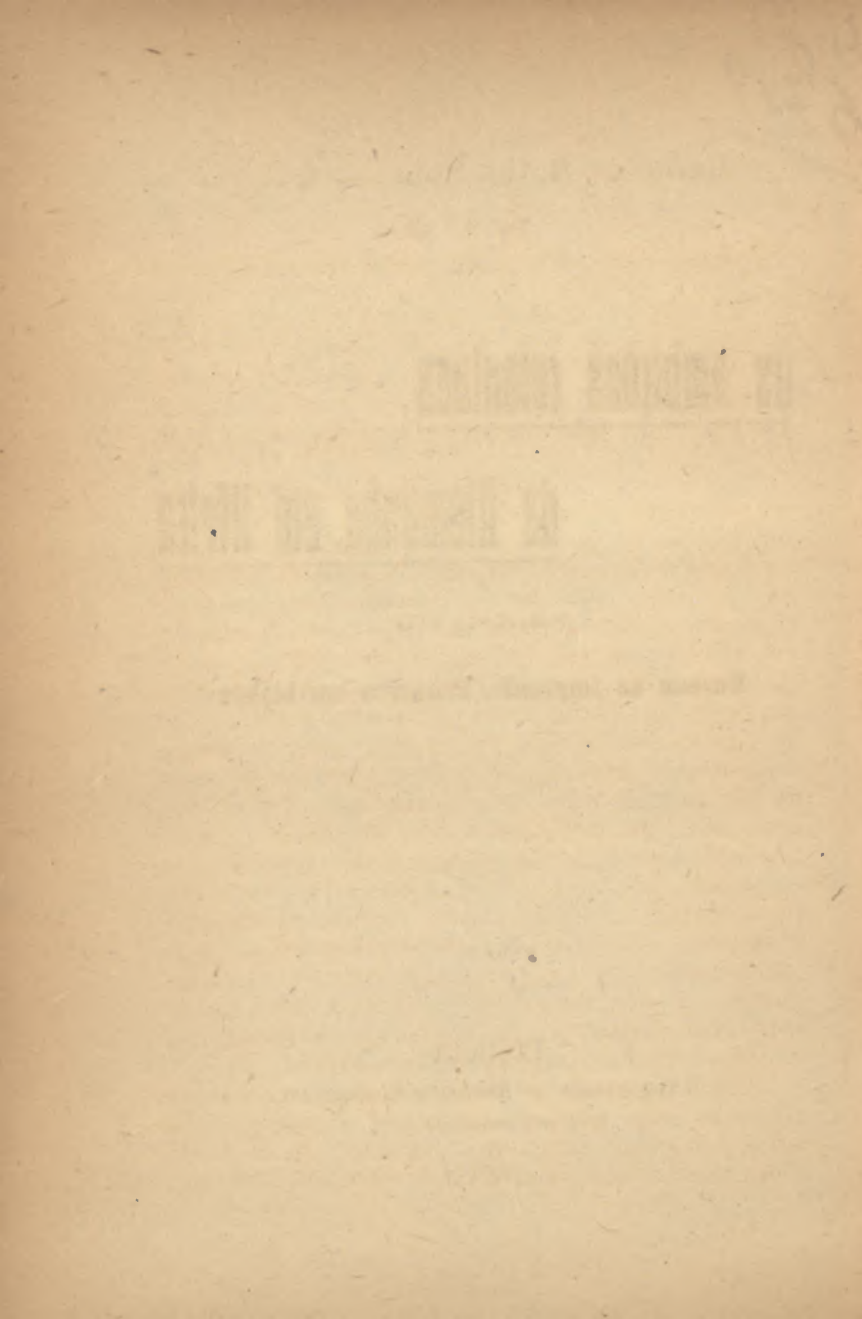
LISBOA (Portugal)

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



H. S.
6719

As ambições coloniais da Alemanha em Africa

Da presente geração muitos se hão de recordar o tempo em que a Alemanha não possuía colonias. Quasi um seculo antes de Waterloo, em 1717, o rei da Prussia vendeu á Companhia Holandesa das Indias Orientais os seus direitos na costa da Guiné. Perto dum seculo depois de Waterloo, isto é, no principio da guerra actual, a Alemanha possuía colonias na Africa de mais de um milhão de milhas quadradas, alem de outras colonias na China e no Grande Oceano do Sul, adquiridas todas desde 1884. Esta rapida expansão colonial impressiona fortemente a imaginação, e são dignos de estudo a energia e o sistema methodico com que a Alemanha tratou logo de dotar e desenvolver as suas novas aquisições. A' primeira vista poderia o historiador sentir-se disposto a incluí-la na confraria das nações verdadeiramente colonisadoras.

Ainda ha oradores alemães que gostosamente citam os seus trechos tirados da Gramatica Latina. Apresentamos um que cabe perfeitamente á Alemanha e suas colonias: «*Caelum non ani-*

mumutant qui trans mare currunt.» A Alemanha de além mar demonstra exactamente o mesmo animo que a Alemanha na Europa. Não satisfeita com o ser admitida na sociedade das Potencias Coloniais, lastima-se de ter chegado muito tarde á partilha das terras do mundo; olha os visinhos com inveja e excita desavenças e tumultos na fé que estes lhe oferecerão ensejo propicio aos seus fins.

Debaixo deste ponto de vista é instrutivo o seu proceder na Africa. Mesmo antes de flutuar a sua bandeira em terras africanas, a Alemanha tinha iniciado as suas intrigas contra os futuros visinhos. Já no período da guerra franco-prussiana se falava nos circulos alemães duma colonia alemã em Africa que se firmaria no odio boer contra a Gran-Bretanha. Esta idéa não mereceu o apoio official de Bismarck que tinha na Europa outros assuntos importantes a tratar; porém em 1871 mandou-se uma missão scientifica ao Transval. Em 1875 e 1876 travaram-se negociações entre o Transval e Berlim. Em seguida á primeira guerra boer, Sir Bertle Frere chamou a atenção para um artigo publicado na *Geographische Nachrichten*, no qual se declarava em tom pan-germanico hoje tão familiar, que a Alemanha dedicava interesse especial ao povo boer, «uma raça de bom sangue teutonico». Nos anos seguintes a influencia alemã foi um dos mais poderosos factores na Africa do Sul e foi a causa, nunca então suspeitada, das desintelligencias que deram em resultado a segunda guerra boer. Foi bem á prussiana o modo por

que o Presidente Kruger foi incitado por telegramas imperiais e promessas vãs em quanto ele podia servir de arma contra a Gran Bretanha, e logo abandonado quando, derrotado e já sem prestimo, pedia auxilio e conselhos a Berlim. E não obstante esse abandono durissimo continuava a existir boers com fé na Alemanha como se prova pela rebelião infrutífera de Maritz e De Wet.

A interferencia da Alemanha nos negocios do Transval não foi devida á simpatia que alardeava a favor dos seus irmãos de «bom sangue teutonico»; fazia parte dum plano muito mais grandioso e muito menos desinteressado, a saber: o fundar atravez da Africa uma facha alemã que se estendesse de leste a oeste. A colonia alemã de sudoeste seria uma das pontas da facha, as republicas boers formariam — durante certo tempo — o centro, e por pouco não se conseguiu que terminasse a outra ponta na ilha de Santa Lucia ou na baía de Lourenço Marques. O fito deste plano declarou-o abertamente um articulista no *Koloniales Jahrbuch* de 1897: «A posse do porto natural de Lourenço Marques é condição imperiosa para os Estados boers na Africa do Sul. Sem os boers as nossas possessões na Africa do Sul de nada valem como colonias. O nosso futuro baseia-se na vitoria dos boers e na expulsão da raça britanica fóra da Africa do Sul. A prosperidade das nossas colonias sul africanas, que isoladamente não valem mais que os Kameruns ou a Togolandia, depende da possibilidade de ligar essas duas co-

lonias, ficando assim a Inglaterra restringida no sul e desfeito o sonho dum Imperio Colonial Britanico do Cabo ao Cairo.»

A ambição da Alemanha mais para o norte era de ligar as suas possessões ao sudoeste e a leste pela aquisição de territorio no alto Congo e na Africa Ocidental portugueza. A Alemanha nunca perdia de vista o Estado Livre do Congo — era como a vinha de Naboth para David — e mesmo antes de romper a guerra actual, os alemães não ocultavam a esperança que a Alemanha vitoriosa anexaria não a Belgica, porém o Congo.

Do mesmo modo, durante as discussões que precederam a guerra actual o embaixador alemão prometia a Sir Edward Gray que a Alemanha não tiraria territorio á França, porém recusou-se terminantemente a prestar a mesma garantia com respeito ás colonias francezas.

Poder-se-ha dizer que isto tudo constitue já historia antiga, parte dela conta mais de 20 anos; o tempo e o infortunio poderão ter inculcado á Alemanha a moderação. Porém o facto é o seguinte, que depois de tres anos de guerra, durante os quais desapareceu a bandeira alemã de todas as suas colonias, excéto numa pequena nesga, a Alemanha permanece cheia de confiança na sua sorte, como jogador a quem resta ainda um ceutil na algibeira ou um objecto que possa empenhar. O antigo correspondente do *Times* em Berlim colécionou e publicou nesse jornal de 12 de Abril umas frases pronunciadas ultimamente por chefes coloniais alemães. Veem

provar que o fundar dum Imperio Colonial Alemão deixou de ser a mania dum partido para tornar-se o sonho duma nação, e que á medida que o territorio diminue, as ambições aumentam. Sonha ainda a Alemanha com uma Africa Central alemã, a qual deve absorver o Estado Livre do Congo, a Angola e a Africa franceza equatorial, gosando tambem provavelmente de poderes administrativos no resto da Africa franceza, pois que devem comboios expressos transportar o viajante comercial pan-germanista de Berlim ao Congo em 5 dias.

Mas esta Africa Central alemã não será sómente um campo extenso para o comercio universal da Alemanha, será tambem uma fortaleza do poderio alemão. O turco, por seu lado, deve tornar impraticavel á navegação britanica o Canal de Suez. Obrigada assim a dirigir-se á India e ao Oriente pela Africa Ocidental e o Cabo, terá de passar pelas costas da Africa Central alemã onde se estabelecerão inumeras bases navais desde o estuario Kamerum até ao rio Orange. Além disto, a Gran Bretanha já não dominará no Mar do Norte porque terá de manter uma parte da sua armada na Africa Ocidental. Neste sentido tambem os alemães ainda afagam um sonho de outros tempos. No ano de 1905 o Kaiser esteve prestes a lançar a Europa em guerra quando de repente se constituiu defensor dum confrade autocrata, o Imperador de Marrocos, cuja independencia, já bastante abalada, corria perigo. Era tão desinteressada como a proteção dispensada aos boers sul-africanos a que ofere-

cia a esse potentado naquela época e outra vez em 1912, quando o Panther foi enviado a Agadir para assegurar os bens e as vidas dos alemães nos domínios do monarca irmão do Kaiser. A Alemanha oficial proclamava virtuosamente não poder negociar a independência marroquina, porém a opinião leiga ficou muito contrariada de ver que em vez de uma atalaia no Atlântico a Alemanha adquiria só um postigo para o Congo.

Eis alguns dos muitos episódios na história da Alemanha como potência colonizadora. Bastam eles contudo para se reconhecer que a Alemanha fóra como a Alemanha dentro da Europa é uma vizinha ruim e perigosa. No seu entender uma colônia não passa dum ponto estratégico donde pode, como disse Mr. Balfour num discurso ao Congresso, seguir sem hesitações, sem remorsos, sem escrúpulos, o seu fito de dominar a civilização e a humanidade.

